

Joana Filipa Coelho Duarte

Coerção Sexual em Adultos Portugueses
Um Estudo Qualitativo



Joana Filipa Coelho Duarte

Coerção Sexual em Adultos Portugueses
Um Estudo Qualitativo

Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof.^a Doutora Alexandra Isabel Cabral da Silva Gomes



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2021

COERÇÃO SEXUAL EM ADULTOS PORTUGUESES
UM ESTUDO QUALITATIVO

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da linguagem de referências incluída.

Joana Filipa Coelho Duarte

Copyright

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo analisar e caracterizar as atitudes e as crenças face à coerção sexual na sociedade portuguesa e como segundo objetivo analisar o tipo de discurso utilizado pelos indivíduos que apresentaram uma maior concordância com as crenças e as atitudes de coerção sexual em comparação aos indivíduos que apresentaram uma menor concordância com as mesmas. O estudo foi realizado na população portuguesa. A amostra é composta por um total de 74 adultos dos quais 53 do género sexual feminino e 21 do género sexual masculino. Para concretização do objetivo foi criado um instrumento composto por uma questão de autorrelato de uma situação hipotética de coerção sexual recorrendo à técnica de entrada de diário e duas escalas a *Sexual Beliefs Scale* e Atitudes Face à Coerção Sexual, que permitiram a medição das crenças e atitudes dos participantes.

Os resultados obtidos demonstraram que os participantes do género sexual masculino apresentaram médias mais elevadas perante as crenças e as atitudes referentes à coerção sexual do que os participantes do género sexual feminino. Na análise qualitativa foi observado que as formas de coerção sexual mais relatadas foram a insistência verbal e atos físicos leves como os beijos, toques e/ou carícias, não foram identificadas características diferenciadoras no discurso dos diferentes grupos criados.

No final deste estudo foram encontradas algumas limitações, entre as quais, a dificuldade de recolha de dados em pessoas do género sexual masculino e o corpus textual recolhido foi de pequena dimensão.

Para futuras investigações sugiro uma amostra mais equitativa com mais questões de resposta direta sobre a coerção sexual e não o autorrelato de apenas uma única situação, permitindo uma análise mais detalhada sobre as atitudes, as crenças e a forma como o consentimento é aceite e observado. Outra sugestão será a validação da tradução da *Sexual Beliefs Scale* para a Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Vitimização; Perpetração; Coerção Sexual; Estudo Qualitativo.

Abstract

The main objective of the present study was to analyze and characterize the attitudes and beliefs towards sexual coercion in Portuguese society and as a second objective to analyze the type of discourse used by different persons with greater agreement with sexual coercion beliefs and attitudes compared to people that a lesser agreement with them. The study was carried out in the Portuguese population. The sample comprises a total of 74 adults, 53 of whom are female and 21 are male. To achieve the objective, an instrument was created consisting of a question of self-report of a hypothetical situation of sexual coercion using the diary entry technique and two scales, the Sexual Beliefs Scale and Attitudes towards Sexual Coercion Scale, which allowed the blocking of beliefs and attitudes of the participants.

The results obtained showed that male participants are more revealed beliefs and attitudes regarding sexual coercion than female participants. In the qualitative analysis, it was observed that the most reported forms of sexual coercion were verbal insistence and light physical acts such as kissing, touching and/or caressing, with no distinguishing characteristics between the speech on the different groups created.

In the final of this study found some limitations, among which, a difficulty in identifying data on males and the collected textual corpus was small.

For future investigations, I suggest a more equitable sample with direct answer questions about sexual coercion and not the self-report of just a single situation, allowing a more detailed analysis of attitudes, such as beliefs and a way in which consent is accepted and observed. Another suggestion will be the validation of the translation of the Sexual Beliefs Scale into Portuguese.

Keywords: Vitimization; Perpetration; Sexual Coercion; Qualitative Study.

Índice

Introdução.....	1
Definição e Caracterização do Conceito de Coerção Sexual	3
Atitudes e a Coerção Sexual	5
Estudos Qualitativos Sobre a Coerção Sexual	7
Objetivos da Investigação.....	9
Metodologia.....	10
Amostra.....	10
Instrumentos	10
Questão de Autorrelato, do tipo narrativo.....	10
Sexual Beliefs Scale.....	11
Escala Atitudes Face à Coerção Sexual	12
Procedimento de Recolha de Dados	13
Procedimento da Análise de Dados	13
Resultados.....	13
Estudo correlacional entre medidas	15
Análise de Clusters	16
Análise Qualitativa	19
Discussão	28
Referências Bibliográficas.....	32
ANEXOS	35

Índice de Anexos

Anexo I – Consentimento Informado	36
Anexo II – Questão de Resposta Direta Vitimização	37
Anexo III – Questão de Resposta Direta Perpetração	38
Anexo IV – Escala Sexual Beliefs Scale	39
Anexo V – Escala Atitude face à Coerção Sexual.....	46
Anexo VI – Dados Sociodemográficos	55

Índice de Tabelas

Tabela 1. Comparação das médias das escalas crenças e atitudes entre homens e mulheres	14
Tabela 2. Correlações entre as atitudes face à coerção sexual e as crenças sexuais.....	15
Tabela 3. Comparação de médias entre as escalas nos diferentes grupos	18

Índice de Figuras

Figura 1. Agrupamento Automático através do Critério Bayesiano de Schwarz (BIC). 17	
Figura 2. Classificação Hierárquica Descendente: Divisão em Classes..... 19	19
Figura 3. Análise Fatorial de Correspondência. 20	20
Figura 4. Dendograma representativo das diferentes classes, frequência das palavras, grau de significância das palavras nas diferentes classes 21	21

Introdução

Ao longo dos anos houve um aumento de estudos na área da *sex research*, e apesar de já existir uma maior consciencialização sobre este tema, ainda se encontram presentes na sociedade diversas crenças e atitudes estereotipadas sobre a sexualidade, nomeadamente a coerção sexual que representa um conjunto de comportamentos com o objetivo de persuadir o parceiro a envolver-se sexualmente.

A forma como a vida sexual é vivenciada entre os parceiros íntimos poderá apresentar diversos benefícios a nível pessoal, social e para o bem-estar humano, porém existem experiências negativas como a violência sexual e outras situações que por vezes não ser observadas como formas de violência que impedem a existência de uma vida sexual íntima saudável. (Fernández-Fuertes et al., 2018). Tal como definido pela Organização Mundial da Saúde (2002, pp. 5) a saúde sexual representa *“um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não meramente a ausência de doença, disfunção ou debilidade. A saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade e dos relacionamentos sexuais, bem como da possibilidade de vivenciar experiências sexuais prazerosas e seguras, isentas de coerção, discriminação e violência. Para que a saúde sexual seja alcançada e mantida, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e atendidos.”*

Logo, a violência praticada por um parceiro íntimo apresenta impactos bastante negativos no bem-estar emocional e social de toda a família, com efeitos na parentalidade e nos resultados educacionais e laborais. Este tipo de influência afeta uma grande parte da população e o dano causado pode durar uma vida inteira, abrangendo diversas áreas como a saúde, a educação e o trabalho (Anda et al, 2001; Dube et al, 2002 citado em OMS, 2012). A Organização Mundial da Saúde (2012, pp. 11) vem assim definir e diferenciar os termos de violência do parceiro íntimo e violência sexual. A violência do parceiro íntimo é definida como um *“comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”*, enquanto a violência sexual representa *“qualquer ato sexual, tentativas de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, atos de tráfico ou dirigidos contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa, independente de sua relação com a vítima, em qualquer contexto, porém não limitado à penetração da vulva ou ânus com o pênis, outra parte do corpo ou objeto – contudo, a definição de violação pode variar em vários países”*. Devemos ter em consideração que a violência pelo parceiro íntimo

abrange toda a violência, seja esta efetuada por mulheres contra homens, homens contra mulheres ou em relações com parceiros do mesmo gênero sexual. Devido a uma ordem social de tradição patriarcal permitiu, por muito tempo, um certo padrão de violência contra as mulheres. O homem apresentava-se com um papel ativo na relação social e sexual sendo o provedor da relação, desta forma a dependência feminina pode assim explicar a aceitação dos deveres conjugais, que incluía o serviço sexual, ficando a sexualidade feminina restringida à passividade e à reprodução (Giffin & Dantas-Berger, 2005).

A forma como o casamento é constituído tendo em conta as relações sexuais como um dever conjugal, as convenções sociais em torno da sexualidade e as diferenças culturais existentes dificultam o dimensionamento deste problema. Maioria dos casos onde se baseia a caracterização de violência sexual é em mulheres e crianças que procuraram ajuda, caracterizando apenas uma pequena parte do problema dificultando o uso de estratégias para a redução do mesmo. Apresenta-se assim uma maior atenção para os casos mais graves sem darmos visibilidade às situações mais subtis e menos problemáticas (Moraes et al, 2006).

O termo violação sexual tem um valor significativo diferente para os indivíduos que tenham sido vítimas de agressão sexual do que para advogados, polícias ou investigadores. Quando o termo violação sexual ou tentativa de violação são utilizados nas pesquisas permite-nos inferir que o evento sexual foi traumático, porém dificulta a realização de inferências adicionais (Adams-Curtis & Forbes, 2004). Surge, então, o termo Coerção Sexual que permite englobar uma maior complexidade de diferentes cenários que representam atos contra a liberdade sexual contudo muitas das vezes não consideradas formas de agressão por parte de quem perpetra ou de quem sofre (Cordeiro et al., 2009).

Definição e Caracterização do Conceito de Coerção Sexual

O termo coerção sexual, como já referido, surge numa tentativa de contemplar uma maior complexidade e variedade de relações e cenários que envolvem atos contra a liberdade sexual (Cordeiro et al., 2009). Representa uma pressão que é exercida sobre um indivíduo para se envolver num comportamento sexual (Waldner et al., 1999 citado em Goetz & Shackelford, 2004). Referindo-se a um conjunto de comportamentos e táticas com o objetivo de persuadir, manipular ou obrigar o outro a se envolver em uma atividade sexual contra a sua vontade. Inclui a utilização de diferentes estratégias como o uso de força física, autoridade, chantagem, persuasão verbal, manipulação, pressão, uso de álcool ou drogas com o objetivo de iniciar o comportamento sexual (Testa & Dermen, 1999 citado em Glowacz et al., 2018). Pode também ser caracterizada através de diversos comportamentos, atitudes e práticas que se traduzem em restrições no exercício da vontade individual e perante um ato sexual consentido, mas sem desejo e/ou mediante falsas promessas é tido como forçado (Cordeiro et al., 2009).

Adams-Curtis e Forbes (2004) recomendaram que o termo coerção sexual fosse usado para descrever qualquer situação em que uma parte use meios verbais ou físicos para obtenção de atividade sexual sem existir consentimento direto, porém dado livremente. Por exemplo, desgastar um indivíduo através de repetidos pedidos ou súplicas seria coercitivo, pois o consentimento não foi dado de forma livre e espontânea. Não implica que todos os atos coercitivos tenham igual significado psicológico e social. Por exemplo, um beijo roubado não é o mesmo que uma violação. Porém, é importante sublinhar que um beijo roubado representa uma violação da autonomia pessoal e sexual do outro indivíduo. O facto destas atividades serem comuns e consideradas insignificantes, principalmente pelo perpetrador, não as torna corretas, aceitáveis e inofensivas e representam portas de entrada para atos de coerção mais complexos.

Num relacionamento íntimo em que existe um interesse mútuo, as formas de coerção sexual são alcançadas através de atos mais leves (Goetz & Shackelford, 2004). French et al., (2015 citado em Glowacz et al., 2018) abordaram três dimensões principais no conceito de coerção sexual: a coerção psicológica/verbal (como as pressões, ameaças e chantagem), a coerção física (através do uso de força física) e a coerção através do uso de álcool ou drogas.

Este conceito tem sido maioritariamente estudado sob a visão da vitimização, em particular a avaliação da sua prevalência, impacto psicológico e a coocorrência de perpetração (Glowacz et al., 2018).

A tática mais comum da coerção sexual e considerada como uma forma de violência menos óbvia entre os parceiros íntimos é a coerção sexual verbal, esta é por vezes negligenciada ou normalizada na dinâmica dos relacionamentos e relaciona-se de forma negativa com a percepção da qualidade do relacionamento e com o funcionamento sexual entre as universitárias (Katz & Myhr, 2008 citado em Lopes et al., 2018). Identificada como o primeiro estágio num *continuum* de comportamentos agressivos, pode transformar-se em agressão física (O’Leary, 1993 citado em Eaton & Stephens, 2019). É importante reconhecer que nem toda a coerção envolve a utilização de força física ou ameaças de força. Por exemplo, a coerção psicológica torna-se uma tática bastante atraente, particularmente, no contexto de um relacionamento íntimo.

Um estudo realizado por Glowacz et al. (2018) demonstrou que um beijo indesejado foi o item mais relatado na amostra. Esta forma menor de coerção sexual pode prever outras formas de coerção mais severas, distinguindo-se entre homens e mulheres. Nas mulheres não se encontrou presente uma correlação entre as formas menores e mais graves de coerção sexual enquanto que para os homens beijar a sua parceira sem o seu consentimento encontrou-se positivamente correlacionado com o toque sexual sem consentimento e coagir para a obtenção de relações sexuais.

As mulheres, por vezes, são observadas como alvos da coerção sexual enquanto que os homens são vistos como os perpetradores, porém deve-se ter em conta ambos os géneros enquanto perpetradores e/ou vítimas. Num estudo realizado em três capitais do Brasil observou-se que tanto os homens como as mulheres foram alvos de coerção sexual. Em ambos os géneros surgiram valores elevados na coerção sexual verbal “*a muita insistência por parte do outro*”, porém para as mulheres encontraram-se também valores elevados no uso de ameaça ou violência (Cordeiro et al., 2009).

A coerção sexual surgiu como o segundo tipo de abuso mais prevalente tanto na vitimização como na perpetração num estudo em que analisou a prevalência de diferentes formas de abuso. Perante os resultados foi identificado que a vitimização e a perpetração se encontraram significativamente associadas. Cerca de 25.6% da amostra manifestou-se como vítima deste tipo de abuso e 18.9% surge como perpetrador, logo sujeitos que são vítimas podem tornar-se perpetradores desta forma de abuso. Contudo existiu uma diferença significativa no género sexual do perpetrador sendo os valores dos homens superiores aos valores das mulheres, é quatro vezes mais provável acontecer se o perpetrador for um homem. Em termos de vitimização detetou-se uma maior prevalência nos homens (31.7%) do que nas mulheres (21.2%). De acordo com os resultados deste

estudo os homens sofrem deste tipo de abuso de um modo mais frequente do que as mulheres, todavia não existiram diferenças estatisticamente significativas (Paiva & Figueiredo, 2004).

Um estudo realizado com uma amostra de estudantes na Universidade de Évora verificou-se que em ambos os géneros surgem tanto vítimas como perpetradores de violência sexual, encontrando-se uma relação bidirecional, existindo uma predominância do género sexual masculino como vítima. O tipo de comportamentos praticados e sofridos pelos estudantes universitários nas relações íntimas são bastante semelhantes, sendo a insistência em ter relações sexuais quando o parceiro não o deseja o tipo de coerção sexual mais utilizada, seguindo-se do sexo sem preservativo e, por último a insistência para obtenção de sexo oral ou anal, sem recorrer a utilização de força física. O grau mais severo identificado foi a utilização de ameaças para fazer com que o parceiro realizasse sexo oral ou anal. Relativamente à prevalência este estudo apontou para uma prevalência de vitimização entre 12,8% e 28,5% e uma perpetração entre os 4,1% e os 31,7% (Mota, 2020).

Em suma, a coerção sexual é definida como um comportamento cujo o objetivo é compelir o parceiro para uma interação sexual contra a sua vontade através de diferentes atos coercivos (Straus et al., 1996 citado em Paiva & Figueiredo, 2004), apesar de o consentimento ser dado de uma forma livre não é dado de forma direta. Através da análise de diferentes estudos foram encontrados pontos comuns, entre os quais, uma relação bidirecional entre a perpetração e vitimização, ou seja, o perpetrador pode ser também vítima, pessoas que apresentem crenças legitimadoras de violência apresentam uma maior probabilidade de sofrer ou perpetrar atos de coerção sexual. As táticas utilizadas mais descritas nos diferentes estudos são de cariz mais leve como a coerção sexual verbal que representa a insistência por parte do parceiro.

Na extensão do nosso conhecimento são poucos os estudos existentes sobre a coerção sexual, representando uma forma de violência muitas das vezes não identificada e justificada tanto pela vítima como pelo perpetrador como algo natural e normal.

Atitudes e a Coerção Sexual

Tal como outros comportamentos sexuais, a coerção sexual encontra-se inserida numa rede de atitudes e crenças normativas que fazem essa forma de comportamento parecer aceitável (Tomaszewska & Krahé, 2016). As atitudes que toleram a coerção sexual podem encontrar-se ligadas ao conteúdo dos *scripts* sexuais de um indivíduo para

interações sexuais consensuais. Foi proposto num estudo realizado numa amostra de estudantes polacos por Tomaszewska e Krahe (2016) que os indivíduos são mais propensos a manter atitudes que toleram a coerção sexual em certas circunstâncias quando os seus *scripts* sexuais contiverem elementos de risco ligados à agressão sexual, aceitando-os como normativos. Foi encontrada uma associação significativa entre *scripts* sexuais de risco e atitudes que toleram a coerção sexual. Apesar de tanto as mulheres como os homens geralmente não aprovarem o uso da coerção sexual, apenas 40% rejeitou todas as justificativas o que representou que uma percentagem considerável aceitou o uso da coerção sexual em certas circunstâncias. Surgem, assim, as seguintes questões: até que ponto a coerção sexual é aceite de forma natural pelos parceiros íntimos? Como é que as pessoas se representam e se observam nestas situações?

As atitudes e os valores masculinos surgem em vários estudos como os componentes principais determinantes da coerção sexual. No centro de diversas teorias da coerção sexual estão presentes definições de masculinidade que incluem as crenças sobre a dominação masculina, a passividade feminina, a mulher vista como um objeto sexual, o controlo masculino da sexualidade feminina e uma hostilidade existente contra as mulheres (Dean & Malamuth, 1997; Malamuth, 1986, 1998; Malamuth, Heavey, & Linz, 1993; Malamuth et al., 1995; Malamuth et al., 1991 citado em Adams-Curtis, & Forbes, 2004).

A Associação Plano i realizou um estudo a nível nacional sobre a violência no namoro no ensino superior de 2017 a 2021 em que foram identificadas e analisadas as crenças e práticas de violência. Foi salientado que a proporção de violência praticada na intimidade é superior no género sexual masculino com idades superiores e a sofrida apresentou valores superiores no género sexual feminino com uma idade mais baixa, em ambos foi possível observar-se crenças de género bastante conservadoras. Contudo os homens apresentaram crenças de género mais conservadoras do que as mulheres, entre as quais: Situações de violência doméstica são provocadas pelas mulheres; O ciúme é uma prova de amor; As mulheres se mantêm em relações amorosas violentas são masoquistas; Devem ser os homens a assumir a chefia da família; E meninos e meninas devem ser educados/as de forma diferenciada. Relativamente às práticas violentas observou-se que 23.2% da amostra afirmou já terem sido culpados, criticados, insultados, difamados ou acusados sem razão, cerca de 20.5% admitiram que sofreram e praticaram estes atos, entre estes dados surgem 9.7% relatam já terem sido obrigados/as a ter comportamentos sexuais

não desejados e cerca de 8.7% afirmaram já terem sido forçados/as a ter relações sexuais (Borges, 2021).

Mota (2020) analisou as atitudes e as crenças que legitimam os comportamentos coercivos e as suas relações. Concluiu que tanto os homens como as mulheres apresentaram uma baixa aceitação da prática de violência sexual, sendo que se as atitudes partirem de indivíduos do género sexual masculino são menos aceites, foi encontrada uma correlação positiva entre as variáveis de crenças com a perpetração e a vitimização de estratégias coercivas na resolução de conflitos, ou seja, quem apresenta mais atitudes de violência é quem tem mais crenças legitimadoras e mais relacionamentos coercivos. Por fim, surgiram como resultados que os homens apresentam mais crenças legitimadoras de violência sexual e maiores probabilidades de se tornarem agressores, todavia neste estudo surgem com maiores índices de vitimização na relação.

A coerção sexual é, muitas das vezes, justificada pelas vítimas como uma expressão do amor ou confusão do perpetrador. As mulheres apresentam uma maior tendência para permanecerem em relações consideradas violentas. Foi observado que 76,9% das mulheres e 67,4% homens experienciaram uma ou mais situações de coerção sexual, estas situações eram mais típicas de acontecer em relações a longo prazo (Cram et al, 2000).

Existe uma relação entre coerção sexual e a noção de negociação sexual como uma forma de demonstrar o desejo e interagir sexualmente que se encontra condicionada pelos contextos socioculturais específicos da interação, refletindo jogos de poder que existem nas relações de género e em parceiros afetivo-sexuais e não apenas uma troca de interesses entre dois indivíduos (Cordeiro et al., 2009).

Em suma, é importante identificar que as crenças existentes podem afetar a forma como uma pessoa se revê nas situações e são justificativas dos atos de violência exercidos pelos seus companheiros, devemos ter em conta que estas atitudes e crenças se encontram representados nos *scripts* sexuais levando a uma normalização de determinados atos.

Estudos Qualitativos Sobre a Coerção Sexual

Os estudos qualitativos apresentam diversas vantagens e contributos para a investigação de diferentes conceitos e fenómenos na área da Psicologia. É um método de carácter exploratório que trabalha com diferentes valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões não se restringindo a questões concretas de sim ou não. Permite um maior e mais completo aprofundamento da complexidade dos fenómenos (Silva, 2010).

Eaton e Stephens (2019) através do seu estudo relacionaram a teoria do comportamento planejado com a coerção sexual verbal. Neste estudo foram realizadas entrevistas individuais com uma amostra de adolescentes afro-americanos de ambos os gêneros sexuais. O objetivo foi avaliar as crenças dos rapazes sobre a perpetração da coerção sexual verbal e nas raparigas as crenças sobre a resistência à coerção sexual verbal. Foi concluído que as crenças comportamentais nas raparigas quando questionadas sobre coisas positivas/negativas que resultaram das resistências à coerção sexual verbal as respostas mais comuns foram relacionadas a resultados potenciais de relacionamento e a riscos à saúde sexual, ou seja, a motivação para desenvolver e preservar uma relação de namoro pode levar a uma cedência na coerção sexual verbal. Foram registados resultados negativos para a saúde sexual que podem resultar de não resistir a táticas verbalmente coercitivas de sexo. Relativamente aos rapazes as respostas concentraram-se na obtenção de gratificação e envolvimento sexual, refletiram o fato de que as táticas verbais são vistas como capazes de produzir complacência sexual nas mulheres. Quando questionados sobre os pontos negativos que resultaram do uso de coerção sexual verbal, muitos rapazes notaram a perda do relacionamento, demonstrando a preocupação em manter um relacionamento com a sua parceira. Os resultados negativos observados estavam ligados à sua autoestima, como medo de ficar desesperado, ser ridicularizado mais tarde ou sentir-se estranho. Nas crenças normativas foi possível observar nas mulheres que os amigos considerados verdadeiros e familiares próximos apoiaram a resistência à coerção sexual verbal e serviram como fontes de apoio. Em contraste, a maioria das raparigas neste estudo sugeriu que amigas falsas e colegas que são sexualmente mais permissivas apoiaram o uso de coerção sexual verbal. Da mesma forma, foi identificado pelos rapazes amigos íntimos e alguns membros familiares apoiaram o facto de os rapazes usarem coerção sexual verbal com as raparigas. Porém, foram mais rapidamente identificadas pessoas que desencorajaram o uso de coerção sexual verbal do que pessoas que os encorajaram, apresentando como grande importância as figuras parentais.

As crenças de controlo identificadas foram semelhantes em ambos os gêneros sexuais como encontrarem-se num contexto seguro com outras pessoas, percepções da aparência de seus parceiros e os laços emocionais compartilhados. Nos homens foram também identificados a capacidade de persuasão verbal, a personalidade e a experiência da parceira (Eaton & Stephens, 2019).

Através de uma análise realizada a narrativas de jovens residentes em três capitais brasileiras foi possível identificar que o número de jovens que reportou experiências nas quais foram alvo de coerção não variou em gênero sexual, porém como perpetradores surgiram mais indivíduos do gênero sexual masculino. Os eventos reportados foram beijos, carícias pelo corpo, manipulação genital, contato entre órgãos genitais até à relação sexual. As táticas utilizadas para a sua obtenção foram a muita insistência, ofensas ou acusações, chantagem emocional, impedir ou tentar que a pessoa se vá embora e o uso da força física. O meio mais abordado foi a insistência e o menos abordado foi a força física (Moraes, Cabral, & Heilborn, 2006).

Foi possível concluir que nas mulheres sobressai a ideia da prática de relações sexuais contra a sua vontade com o objetivo de satisfazer o seu parceiro e a manutenção da reciprocidade e do vínculo. Para os rapazes, o sexo forçado ou por constrangimento é referido como o desdobramento dos imperativos da masculinidade, necessidade de comprovar a sua virilidade. As expectativas que existem em relação ao gênero e os “*sexual scripts*” levam a uma modelação das diversas situações.

Numa relação caracterizada como violenta, a relação sexual pode ocorrer através de uma forma de coerção “naturalizada” ou como “cláusula” prevista no contexto das obrigações sexuais. Num estudo qualitativo e perante o relato de nove mulheres, surgiu uma situação comum em todos os relatos que é o parceiro querer/insistir na relação sexual apesar da sua parceira não o desejar. O sexo cedido ou sob resistência foi recorrente, mas pouco nomeado como violência. De um modo geral e apesar de terem resistido e dizerem não, acabavam a ceder à relação sexual, algumas vezes por temerem a agressão física, perda de apoio financeiro ou acusações de infidelidade (Dantas-Berger & Giffin, 2005).

Objetivos da Investigação

Através da análise destes estudos, foi possível compreender que as crenças e as atitudes face à coerção sexual poderão condicionar a interpretação da mesma e limitar a sua divulgação. Surge como relevante compreender a justificação utilizada perante uma situação de coerção sexual, tendo por base as crenças e as atitudes.

Desta forma decidiu realizar-se um estudo descritivo, de metodologia mista, com recurso à técnica de entrada de diário, permitindo através de uma situação hipotética uma explanação da forma como a pessoa atua perante a coerção sexual. O principal objetivo com a realização do presente trabalho de investigação é caracterizar as atitudes e as crenças em relação à coerção sexual e analisar o tipo de discurso utilizado pelos indivíduos que

apresentam maior concordância com as crenças e atitudes de coerção sexual em comparação a indivíduos que apresentam uma menor concordância com as crenças e atitudes de coerção sexual e verificar a existência de diferenças discursivas.

É importante realçar que ao longo de todo o trabalho a palavra agressor não foi utilizada, sendo substituída por perpetrador. Esta distinção foi realizada devido, como referido anteriormente, a maioria das situações de coerção sexual não serem consideradas formas de agressão graves e também para não restringir ou influenciar as respostas fornecidas pelos participantes no estudo, visto que a palavra agressor tem uma conotação mais negativa.

Metodologia

Amostra

Participaram neste estudo 74 sujeitos, 53 do sexo feminino (71.6%) e 21 do sexo masculino (28.4%) com idades compreendidas entre os 18 e os 52 anos ($M=26.41$ anos; $DP=7.33$), identificados maioritariamente como heterossexuais (90.5%). Relativamente ao estado civil 57 dos participantes (77%) são solteiros, 16 participantes são casados ou em união de facto (21.6%) e 1 participante divorciado/a. À variante “Situação Relacional” 28 participantes (37.8%) identificaram a sua relação como namoro, 25 participantes (33.8%) não se encontram em nenhum relacionamento, 17 participantes (23%) encontram-se numa relação exclusiva e 4 participantes (5.4%) estão numa relação não exclusiva.

Por fim, foram recolhidos os dados sobre a escolaridade dos participantes apresentando-se 50% da amostra com o Ensino Superior: Licenciatura, 24 (32.4%) participantes com o Ensino Superior: Mestrado e 13 (17.6%) com o Ensino Secundário concluído.

Instrumentos

O instrumento criado para recolha de dados deste trabalho de investigação é composto por uma questão de autorrelato de resposta direta, seguida da escala *Sexual Beliefs Scale* e a escala Atitudes Face à Coerção Sexual e, por fim, os dados sociodemográficos.

Questão de Autorrelato, do tipo narrativo

A técnica de entrada de diário é um registo informativo rico e elaborado que permite a compilação de informação objetiva e subjetiva sobre um comportamento do

próprio ou terceiros, incluindo o contexto social em que ocorrem, permite às pessoas relatarem as suas experiências de dia-a-dia de uma forma pessoal. A principal vantagem ao utilizar este método é que permite examinar eventos e experiências relatados no seu contexto natural e espontâneo, fornecendo informações complementares àquelas que são obtidas através de formas mais tradicionais (Reis, 1994 citado em Bolger, Davis & Rafaeli, 2003).

Foi criada uma situação hipotética em que os participantes teriam de descrever o que fariam, como reagiriam e como se sentiam perante uma situação de coerção sexual com o seu parceiro íntimo. De forma a cumprir o objetivo a que me propus, foram criadas duas situações de coerção sexual onde o sujeito se identificaria numa como vítima e na outra como perpetrador consoante o inquérito ao qual respondesse. Foi utilizada a técnica qualitativa da entrada de diário. As questões de autorrelato realizadas encontram-se presentes em anexo (Anexo II e Anexo III).

Devido à dificuldade na recolha de dados e após a análise dos diferentes segmentos de texto, foi decidido a realização da análise do corpus textual de forma conjunta. Posteriormente dividiu-se, através da análise quantitativa, a amostra em dois grupos um com valores médios mais elevados nas atitudes e crenças de coerção sexual e o outro com valores médios mais baixos nas atitudes e crenças de coerção sexual.

Sexual Beliefs Scale

Como descrito anteriormente foram utilizadas duas escalas no questionário. A primeira escala presente é *Sexual Beliefs Scale*. Esta escala foi criada por Muehlenhard e Felts (1998) com o objetivo de caracterizar as crenças dos participantes relativas à violação. A fiabilidade da escala foi medida numa amostra de 337 alunos graduados do sexo masculino e feminino, os resultados dos alfas de Cronbach foram os seguintes: Subescala *Token Refusal* .71 / .84; *Lead On Justifies Force* .90 / .92; *Women Like Force* .92 / .95; *No Means Stop* .94 / .96.

Esta escala permite medir as cinco crenças que se encontram relacionadas com a violação. As crenças presentes são: (1) As mulheres por vezes recusam ter relações sexuais quando na realidade estão dispostas (Subescala *Token Refusal*) composta pelos itens: 7, 13, 17, 20, 24, 28, 36 e 39; (2) As mulheres que lideram um homem a se comportar como se ela estivesse disposta a se envolver na relação sexual, quando na realidade ela não está, sendo justificativo para um homem força-la (Subescala *Leading on justifies force*) composta pelos itens: 3, 8, 11, 19, 23, 29, 31 e 33; (3) As mulheres

gostam de força perante situações sexuais (subescala *Women Like Force*) composta pelos itens: 4, 5, 9, 14, 18, 27, 37 e 40; (4) Os homens devem dominar as mulheres em situações sexuais (subescala *Men Should Dominate*) composta pelos itens: 1, 10, 12, 16, 22, 26, 30 e 35; (5) As mulheres têm o direito de recusar o sexo em qualquer momento, nesse momento os homens devem parar seus avanços sexuais (subescala *No Means Stop*) composta pelos itens: 2, 6, 15, 21, 25, 32, 34 e 38 (Muehlenhard & Felts, 1998).

Foi utilizada a versão da escala mais extensa composta por 40 itens, 5 subescalas de 8 itens. Cada item é classificado numa escala de 4 pontos em que zero representa discordo totalmente e o 3 concordo totalmente. Os itens em cada subescala são somados, resultando em cinco pontuações diferenciadas. As pontuações mais altas representam uma maior concordância com a crença medida por essa subescala.

Uma vez que esta escala ainda não se encontrava traduzida nem validada para a Língua Portuguesa foi realizada uma tradução para utilizar neste estudo, necessitando ainda de estudos que permitam a sua validação.

Escala Atitudes Face à Coerção Sexual

A segunda escala presente no questionário encontra-se relacionado com o modelo ABC da atitude. Este modelo criado por Allport (1954 citado em Jain, 2014) descreve a atitude como uma pedra primária na construção da Psicologia Social. Representa um estado mental ou neural de prontidão, organizado através da experiência, exercem uma influência dinâmica e direta na resposta do indivíduo aos objetos e situações. O componente de atitude é uma função das crenças comportamentais saliente de uma pessoa que representam resultados ou atributos antecipados do comportamento (Conner & Armitage, 1998 citado em Jain, 2014).

O modelo ABC é um dos modelos mais citados, sugere que a atitude é composta por três elementos: Afeto, Comportamento e Cognição. O Afeto tem em conta os sentimentos desencadeados sobre o objeto da atitude, o comportamento representa a intenção do indivíduo em relação a um objeto da atitude e o cognitivo que denota as crenças que um indivíduo tem sobre o objetivo.

Silva (2021) após procurar por uma medida que permitisse analisar as atitudes perante a coerção sexual e não tendo encontrado nenhuma escala satisfatória decidiu criar uma escala constituída por 49 itens, que se divide em três dimensões. Do item 1 ao 16 representa a coerção sexual tendo em conta a componente das crenças, a segunda do item

17 ao 33 que tem em conta o componente afetivo e, por fim, do item 34 ao 49 que tem em conta o componente comportamental.

Procedimento de Recolha de Dados

Os questionários foram redigidos através da utilização da plataforma *EUsurvey*. Os dados foram recolhidos através do envio do questionário por email e com recurso às redes sociais.

Procedimento da Análise de Dados

Neste estudo foi utilizado o método quantitativo de forma acessória ao método qualitativo. Para a análise dos dados estatísticos obtidos foram utilizados os programas *IBM SPSS Statistics versão 25* e as entradas de diário foram analisados com recurso ao programa *IRaMuTeQ 0.7 alpha 2*.

Através do *IBM SPSS Statistics versão 25* foram realizadas as operações de estatística descritiva das diferentes variáveis: sexo, idade, anos de escolaridade, situação relacional, orientação sexual e estado civil; a correlação de *Pearson* das diferentes subescalas e o *Independent sample t test* para a comparação de grupos independentes, entre os quais o sexo. Após esta caracterização e através do Método de *Ward* e o *TwoStep Cluster* a amostra foi dividida em dois grupos um com maior propensão à coerção sexual e outro com menor propensão à coerção sexual. Após a divisão da amostra em grupos foi realizada uma análise de conteúdo com o método Classificação Hierárquica Descendente que permite a análise das raízes lexicais e oferece diferentes contextos em que as classes estão inseridas, através do programa *IRaMuTeQ 0.7 alpha 2*.

Resultados

Os participantes responderam a uma medida de autorrelato, à escala Atitudes Face à Coerção Sexual e a *Sexual Beliefs Scale*. Foram observados os resultados gerais da amostra e as diferenças existentes com recurso à variável do género sexual.

Foi realizado o *Independent sample t test* que permite uma comparação entre as médias de grupos independentes. Ao realizar este teste foi possível observar que apenas na subescala Dimensão Afetiva, pertencente à escala de Atitudes face à Coerção Sexual, foi assumida a homogeneidade das variâncias, enquanto que as restantes escalas não apresentam homogeneidade da variância.

Tabela 1.*Comparação das médias das escalas crenças e atitudes entre homens e mulheres*

	Média Geral	<i>F</i> (<i>M</i> ± <i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>M</i> ± <i>DP</i>)	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	95% <i>IC</i>	
<i>Token Refusal</i>	2.93	2.53±3.360	3.95±3.008	-1.691	72	0.095	-3.103	0.255
<i>Lead On Justifies Force</i>	1.07	0.87±2.103	1.57±2.039	-1.308	72	0.195	-1.776	0.369
<i>Women Like Force</i>	6.32	5.45±3.646	8.52±4.946	-2.941	72	0.004	-5.152	-0.990
<i>Men Should Dominate</i>	2.00	1.47±2.643	3.33±2.852	-2.671	72	0.009	-3.251	-0.472
<i>No Means Stop</i>	22.39	22.47±3.337	22.19±3.172	0.331	72	0.741	-1.411	1.974
D. Afetiva	42.26	41.00±6.516	45.43±5.510	-2.747	72	0.008	-7.643	-1.214
D. Comportamental	30.39	29.15±5.422	33.52±7.872	-2.336	27.848	0.027	-8.209	-0.537
D. Crenças	25.05	23.68±5.750	28.52±8.394	-2.429	27.760	0.022	-8.932	-0.757

Foi verificada a média geral das diferentes escalas apresentando médias mais elevadas a escala Atitudes Face à Coerção Sexual: Dimensão Afetiva (42.26); Dimensão Comportamental (30.39) e na escala *Sexual Beliefs Scale: No Means Stop* (22.39) e com médias mais baixas surgem na escala *Sexual Beliefs Scale: Token Refusal* (2.93); *Leading on Justifies Force* (1.07); *Women Like Force* (6.32); *Men Should Dominate* (2.00) e na escala Atitudes Face à Coerção Sexual: Dimensão das Crenças (25.05).

Os resultados demonstram (Tabela 1) a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros em algumas das escalas analisadas. Nas três dimensões da escala Atitudes Face à Coerção Sexual, onde as médias do gênero masculino são mais elevadas em comparação às médias do gênero feminino. Concluindo assim que os homens apresentam uma maior aceitação da coerção sexual. Nos resultados obtidos na escala *Sexual Beliefs Scale* onde deparamos, novamente, com médias mais elevadas no gênero masculino e menores no gênero feminino à exceção da subescala *No Means Stop*, encontrando diferenças estatisticamente significativas nas subescalas *Women Like Force* e *Men Should Dominate*.

Em suma, observámos que na maioria das subescalas analisadas as médias apresentam-se mais elevadas no género sexual masculino do que no género sexual feminino à exceção da subescala *No Means Stop*.

Estudo correlacional entre medidas

De forma a reconhecer as relações estatisticamente significativas entre as escalas aplicadas foi realizado a Correlação de *Pearson*, cujos resultados se apresentam na Tabela 2. Foram observadas relações significativas entre as diferentes dimensões, surgiram relações tanto positivas como negativas, que serão explicadas de seguida.

Tabela 2.

Correlações entre as atitudes face à coerção sexual e as crenças sexuais

	1	2	3	4	5	6	7	8
1 Atitude: Crenças	1							
2. Atitude: Comport. ^{al}	0.755**	1						
3. Atitude: Afetiva	0.587**	0.599**	1					
4. <i>No means Stop</i>	-0.305**	-0.205	0.161	1				
5. <i>Women Like Force</i>	0.568**	0.329**	0.347**	-0.048	1			
6. <i>Men Should Dominate</i>	0.644**	0.412**	0.259*	-0.256*	0.534**	1		
7. <i>Token Refusal</i>	0.695**	0.454**	0.414**	-0.196	0.531**	0.639**	1	
8. <i>Lead. On Justifies Force</i>	0.676**	0.524**	0.396**	-0.324**	0.397**	0.725**	0.710**	1

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

A Dimensão das Crenças, pertencente à medida das Atitudes Face à Coerção Sexual, está correlacionada de forma positiva, moderada a muito forte com a *Women Like Force*, *Men Should Dominate*, *Token Refusal* e *Leading On Justifies Force*. Esta dimensão encontra-se correlacionada de forma negativa, com uma intensidade fraca e moderada com a crença *No Means Stop*. O que sugere que quanto mais crenças a pessoa possui sobre a coerção sexual menor a aceitação de que o não representa realmente a paragem da interação sexual, mas sim uma forma de gerar um maior interesse sexual.

A Dimensão Comportamental correlaciona-se de forma significativa, moderada e fraca com *Women Like Force*, *Men Should Dominate*, *Token Refusal* e o *Leading On Justifies Force* e com uma correlação fraca negativa com a medida *No Means Stop*.

A Dimensão Afetiva correlaciona-se de forma fraca com todas as subescalas da *Sexual Beliefs Scale*, sendo a única dimensão que apresenta uma correlação positiva negligente com a medida de escala *No Means Stop*.

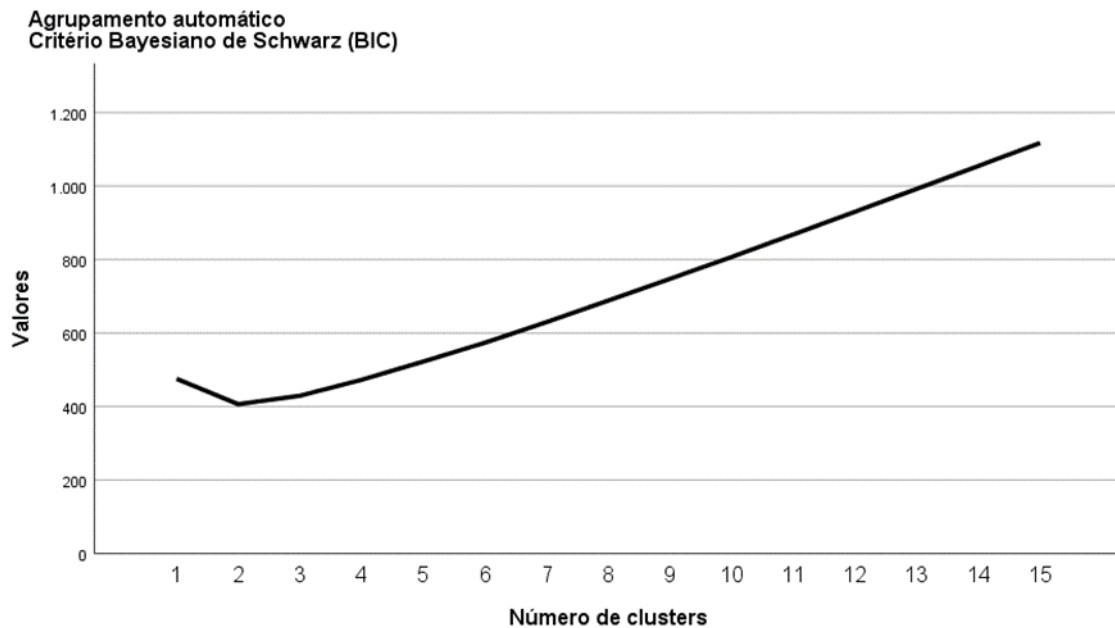
É importante também salientar as relações entre as subescalas *Men Should Dominate* apresenta uma correlação significativa, positiva e moderada com o *Token Refusal* e o *Leading On Justifies Force*. O *Token Refusal* apresenta uma relação significativa, positiva forte com o *Leading On Justifies Force*. Apresenta também uma relação negativa, significativa fraca com a escala *No Means Stop*.

Análise de Clusters

Após a análise estatística dos resultados e das relações entre as diferentes subescalas, foi conduzida uma análise de clusters, para efeitos comparativos posteriores. Esta divisão foi realizada tendo por base os resultados médios das escalas analisadas. Para a realização desta divisão recorreu-se ao Método de *Ward* e ao *TwoStep Cluster* concluindo se que a divisão em dois grupos seria a mais favorável como é possível observar-se na Figura 1.

Figura 1.

Agrupamento Automático através do Critério Bayesiano de Schwarz (BIC)



Foi realizado o método *Ward* para obter o número de clusters e centróides. Após esta análise foi usada a técnica de *Two Step Cluster* demonstrando o ideal na criação de dois grupos e quais os participantes pertencentes a cada grupo

O primeiro grupo formado apresenta valores médios mais elevados logo uma maior concordância com as crenças de coerção sexual, composto por um total de 29 participantes e o segundo grupo formado apresenta valores médios mais baixos logo uma menor concordância com as crenças de coerção sexual composto por um total de 45 participantes.

A seguir a esta análise foi realizado o *Independent Sample T Test* de forma a analisar as médias e o grau de significância entre os dois grupos. O Grupo 1 caracteriza-se por apresentar uma menor propensão à coerção sexual apresentando desta forma as médias mais baixas em relação ao Grupo 2 (Tabela 3) sendo apenas na *No Means Stop* apresenta o valor médio um pouco mais elevado, porém não significativo.

Tabela 3.*Comparação de médias entre as escalas nos diferentes grupos*

	1 (<i>M±DP</i>)	2 (<i>M±DP</i>)	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	95% <i>IC</i> <i>Inf.</i>	<i>Sup.</i>
<i>Token Refusal</i>	1.64 ± 2.385	4.93 ± 3.575	-4.364	44.06	0.000	-4.666	-1.907
<i>Leading On Justifies Force</i>	0.31 ± 0.310	2.24 ± 2.837	-3.569	31.046	0.001	-3.033	-0.827
<i>Women Like Force</i>	4.51 ± 3.245	9.14 ± 4.147	-5.364	72.000	0.000	-6.346	-2.907
<i>Men Should Dominate</i>	0.84 ± 1.242	3.79 ± 3.570	-4.284	32.417	0.000	-4.350	-1.547
<i>No Means Stop</i>	22.67 ± 2.449	21.97 ± 4.263	0.899	72.000	0.372	-0.854	2.257
D. Afetiva	39.40 ± 4.947	46.69 ± 6.257	-5.572	72.000	0.000	-9.898	-4.682
D. Comportamental	26.62 ± 3.346	36.24 ± 5.767	-8.142	40.259	0.000	-12.006	-7.232
D. Crenças	21.02 ± 3.421	31.31 ± 6.268	-8.096	38.870	0.000	-12.859	-7.717

Legenda: (1) Menor propensão à Coerção Sexual; (2) Maior propensão à coerção sexual.

Através do cruzamento de dados entre os dois grupos com recurso à análise das tabelas de contingência permitiu caracterizar a composição dos dois grupos em relação ao género, situação relacional e o estado civil.

No grupo com menor propensão à coerção sexual caracteriza-se maioritariamente pelo género sexual feminino (37) e cerca de 8 pessoas do género sexual masculino, apresentando um valor de qui quadrado significativo. No grupo com maior propensão à coerção sexual apresenta 16 participantes do género sexual feminino e 13 do género sexual masculino.

No que diz respeito ao estado civil o grupo com menor propensão à coerção sexual é composto por 9 casados/ união de facto e 36 solteiros. Enquanto com maior propensão à coerção sexual é composto por 7 pessoas casados/união de facto, 21 solteiros e 1 divorciado, não apresentando um valor de qui quadrado significativo.

Por fim, foi analisada a situação relacional dos participantes nos diferentes grupos caracterizando-se o grupo com maior propensão à coerção sexual com 12 participantes em Namora, 9 Não se encontra numa relação, 7 Relação Exclusiva e 1 Relação não exclusiva, no grupo de menor propensão à coerção sexual apresenta 16 Namora, 16 Não se encontra numa relação, 10 Relação Exclusiva e 3 Relação não exclusiva. Não apresentando também valores de qui quadrado significativos.

Análise Qualitativa

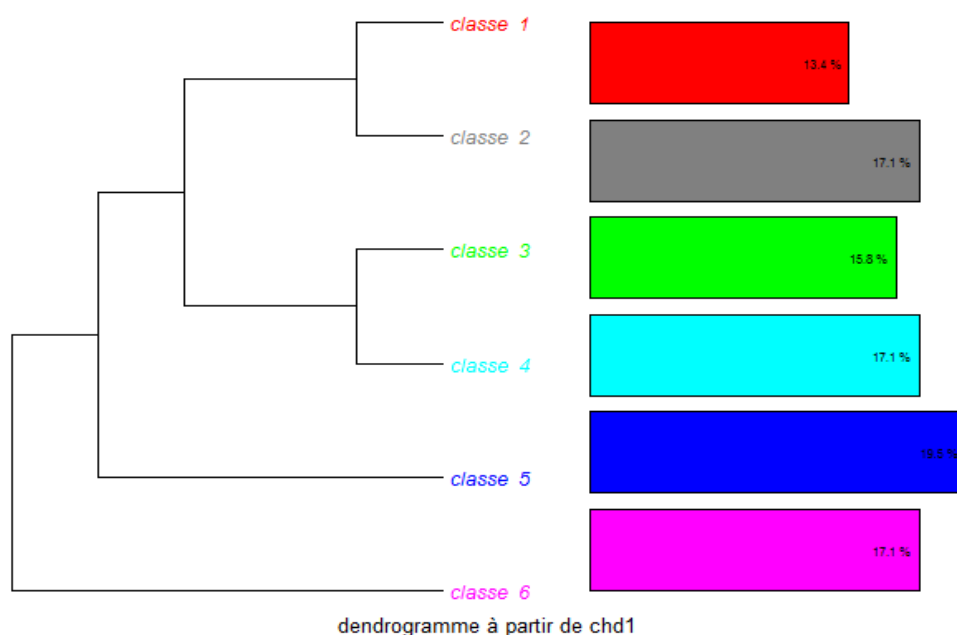
Neste ponto serão abordados os resultados obtidos através da análise dos diferentes relatos, tratados numa primeira estância num documento de texto. Após a divisão da amostra foi utilizado do programa *IRaMuTeQ* para a análise de conteúdo recorrendo ao método de Classificação Hierárquica Descendente, com o objetivo de verificar quais as expressões caracterizam cada grupo.

O corpus textual é constituído por 74 respostas diretas, sendo 36 (48.60%) pertencentes à questão de autorrelato da perpetração e 38 (51.40%) pertencentes à questão de autorrelato de vitimização.

O corpus textual analisado é composto por 73 entradas, com 98 segmentos de texto, 815 formas diferentes com um número de ocorrências de 2386, com 523 formas ativas e 67 suplementares. Foram criadas 6 classes e foram classificados 82 segmentos dos 98 equivalendo a 83.67%.

Figura 2

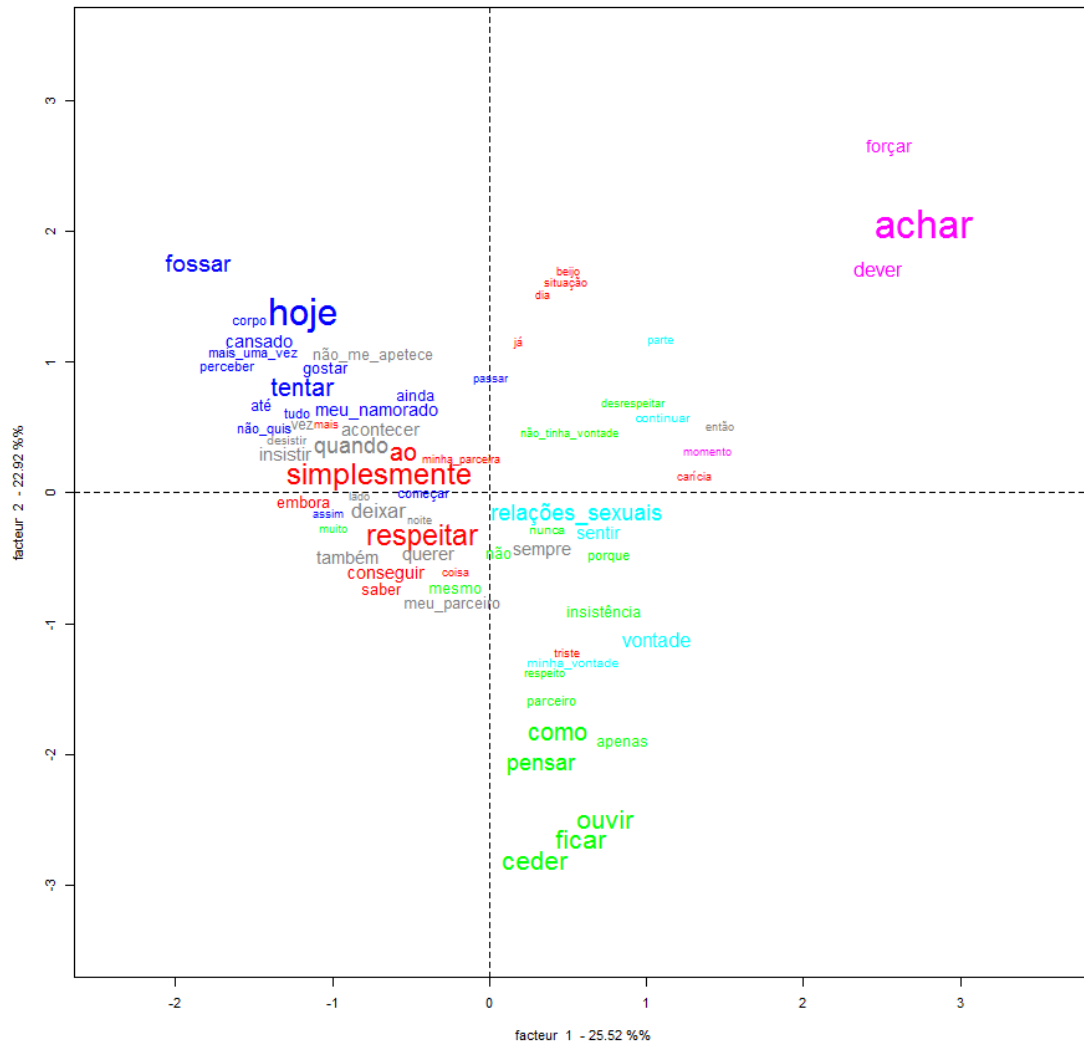
Classificação Hierárquica Descendente: Divisão em Classes



Na figura 2 é possível observar-se as 6 classes identificadas através do programa que se organizaram em 4 temas principais. O primeiro tema dá origem à classe 6, este subdivide-se em dois subtemas um deles consequentemente subdivide-se novamente em dois, podemos observar que a divisão obtida se apresenta homogénea.

Na figura 3 observa-se uma análise fatorial de correspondência das diferentes classes criadas e as expressões que se encontram inseridas em cada classe e as relações subsequentes.

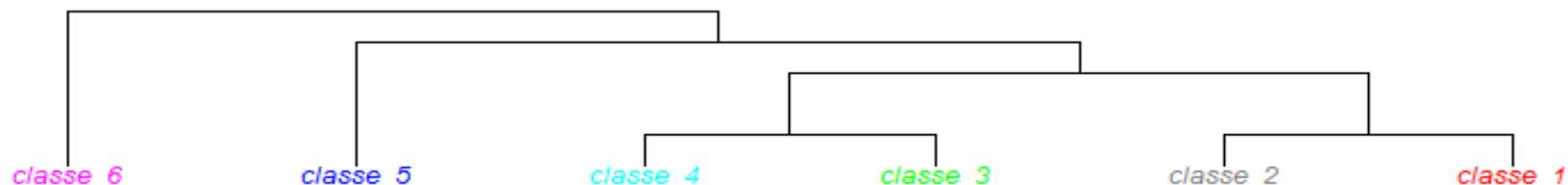
Figura 3.
Análise Fatorial de Correspondência.



O dendrograma apresentado na figura 4 representa as diferentes classes, o seu valor percentual em relação ao total do corpus analisado, as palavras que compõem as respectivas classes, a sua frequência em cada classe e o grau de significância das diferentes palavras através da associação ao qui-quadrado.

Figura 4.

Dendrograma representativo das diferentes classes, frequência das palavras, grau de significância das palavras nas diferentes classes



Classe 6 14 (17.07%)	Classe 5 16 (19.51%)	Classe 4 14 (17.07%)	Classe 3 13 (15.85%)	Classe 2 14 (17.07%)	Classe 1 11 (13.41%)
Palavras <i>f</i> χ^2	Palavras <i>f</i> χ^2	Palavras <i>f</i> χ^2	Palavras <i>f</i> χ^2	Palavras <i>f</i> χ^2	Palavras <i>f</i> χ^2
Achar* 11 41.00	Tentar* 9 19.16	Relações Sexuais* 7 16.90	Ficar* 4 22.32	Quando* 5 15.97	Simplesmente* 4 27.14
Dever 5 12.90	Fosse* 4 17.35	Vontade 6 12.60	Ouvir* 4 22.32	Deixar 4 14.89	Respeitar* 7 24.42
Forçar 3 9.97	Cansado 4 9.17	Sentir 10 9.61	Ceder* 4 22.32	Querer 9 10.98	Ao* 3 20.10
	Meu Namorado 4 9.17	Apenas 3 4.96	Como* 6 19.57	Insistir 5 10.57	Conseguir 3 9.95
	Gostar 4 6.90		Pensar* 4 16.42	Acontecer 3 9.97	Saber 5 8.34
	Até 3 5.56		Mesmo 4 6.19	Também 5 8.72	Embora 2 7.60

Ainda	3	5.56	Insistência	3	5.66	Sempre	4	8.68	Também	4	6.93
Tudo	2	4.41	Apenas	3	5.66	Meu	5	7.23			
Não Quis	2	4.41	Não	10	5.34	Parceiro					
Mais Uma	2	4.41	Porque	4	4.98	Vez	4	6.79			
Vez						Não me	2	5.41			
Corpo	2	4.41				apetece					
Mesmo	4	4.00				Não	10	3.86			

*Grau de significância da palavra com a classe de <0,0001

Caraterização de Classes

Como observado anteriormente o corpus textual divide-se em 6 classes, divididas por 4 grandes temas principais a classe 6, a classe 5, a classe 3 e 4 e a classe 2 e 1. De seguida será realizado uma descrição e caraterização de cada grupo identificado e ilustrado com os segmentos de texto mais representativos.

A classe 6, categorizada como Reações sobre os Avanços do Parceiro, apresenta-se como o grupo principal partindo deste a criação das restantes. Esta classe é constituída por 14 unidades de contexto que representa 17.07%, com variável não significativa ao género sexual masculino. O vocabulário que pertence às formas ativas é: achar, dever e forçar. As formas suplementares são pouco e perante.

Os segmentos de texto que se encontram incluídos dentro desta classe captam a opinião dos participantes perante os avanços do parceiro para a obtenção das relações sexuais e a forma como reagiriam perante tais avanços.

Os segmentos de texto seguintes foram cotados como os mais representativos desta classe.

“acho que nunca se deve forçar”; ($\chi^2=63.93$)

“eu achei que não deveria de fazer pois a mulher pode não se sentir confortável”;
($\chi^2=53.96$)

“eu recusei ter relações sexuais com a minha companheira por não me sentir na disposição de o fazer perante a insistência me senti invadido e desrespeitado achei que não deveria ter sido sujeito à insistência após ter declaradamente rejeitado a minha companheira”; ($\chi^2=53.96$)

“no entanto ele continuava com os beijos e com as carícias e eu voltei a dizer que não mas acho que ele não se tinha apercebido que o meu não significa mesmo não e portanto continuou”; ($\chi^2=41.04$)

“passamos tempo juntos no conforto dos braços um a do a outro a e de certo modo acho que esses momentos acabam por fortificar a relação”; ($\chi^2=41.04$)

A classe 5 é composta por 16 unidades de contexto, representando 19.51% sendo a classe maior, categorizada como Técnicas de Coerção Sexual, apresenta-se como segundo tema principal. O vocabulário pertencente às formas ativas são: hoje; tentar; fosse; cansado; meu namorado; gostar; até; ainda; tudo; não quis; mais uma vez; corpo; mesmo; perceber; começar. As formas suplementares são: o; lhe; dizer; ele; estar; seu; para; com; meu; dois.

Os segmentos de texto que se encontram incluídos nesta classe captam diferentes formas de persuasão descritas pelas pessoas com a finalidade de obtenção relações sexuais. Surgem relatadas diferentes técnicas de coerção sexual, como a insistência, as carícias/toques ou beijos.

Os segmentos de texto seguintes foram cotados como os mais representativos desta classe.

“hoje tentei seduzir a minha miúda pois tinha uma vontade enorme de fazermos amor mas ela recusou os meus avanços e mesmo insistindo ela não cedeu eu mais uma vez fui demasiado chato e insistente ainda por cima num assunto bastante sensível nunca a desrespeitei seja no que fosse e nunca hei de fazê-lo”; ($\chi^2=89.45$)

“querido diário hoje tentei que algo fosse adiante com meu namorado porém ele não quis será que tenho algum problema ou ele”; ($\chi^2=89.06$)

“hoje ele tentou insistir para termos relações sexuais outra vez já lhe conheço o estilo vai se chegando vai beijando e vai tocando como se fosse tudo dele eu sei que é suposto termos relações sexuais somos um casal”; ($\chi^2=79.89$)

“mais uma vez ele prefere o telemóvel a estar comigo tentei beijá-lo acaricia-lo para que sinta o quanto quero estar com ele tentei até usar o corpete que ele tanto gosta a desculpa hoje foi o calor me sinto indesejada rejeitada” ($\chi^2=75.00$)

“hoje o meu parceiro não quis ter relações sexuais ainda tentei insistir mas vi que hoje não ia acontecer nada e não estaria correto continuar a tentar perguntei-lhe se estava tudo bem se algo o preocupava ele disse que estava tudo bem e que se sentia cansado”; ($\chi^2=72.86$)

O terceiro tema é composto pelas duas Classes a 3 e 4. Na Classe 3 é constituída por um total de 13 unidades de contexto, que representa 15.85% do corpus textual, encontram-se associadas a esta classe, significativamente, a situação relacional “não se encontra numa relação” e o grupo de autorrelato sobre a questão de vitimização e não significativamente o género sexual feminino e o grupo com uma menor concordância às crenças de coerção sexual. As formas ativas presentes nesta classe são: ficar; ouvir; ceder; como; pensar; mesmo; insistência; apenas; não; porque; parceiro; nunca. Esta classe não apresenta formas suplementares.

A classe 4 composta por 14 unidades de contexto, com uma representatividade de 17.07%, ligadas significativamente à situação relacional “Namora”. As formas ativas presentes nesta classe são: relações sexuais; vontade; sentir; apenas; minha vontade; continuar. A forma suplementar que surge nesta classe é a palavra ter.

Estas duas classes (3 e 4) divergem do mesmo tema principal, categorizou-se como Compreensão/Aceitação do Consentimento. Ao longo desta classe encontram-se segmentos de texto que captam a forma como os parceiros aceitam o não como resposta, ou seja, a reação perante o consentimento ou a falta do mesmo.

Na classe 3, nos relatos é possível identificar através dos autorrelatos o que as pessoas sentem enquanto vítimas perante a situação hipotética proposta.

Os segmentos de texto foram cotados como os mais representativos na classe 3.

“confio na pessoa com quem estou e sei que não me magoa de propósito agora ou nunca mas fico acordada a pensar quantas carícias me fará até eu ceder mesmo não querendo me questiono novamente se eu importo como pessoa ou apenas como um boneco sexual pronto para ser usado”; ($\chi^2=100.15$)

“hoje o meu namorado ultrapassou os limites não me estava a ouvir nem queria saber do que eu sinto fiquei triste e desiludida nunca pensei que a nossa relação chegaria a este ponto”; ($\chi^2=68.73$)

“me senti presa e petrificada naquele momento como é que o meu namorado não me ouviu a dizer o não me senti enjoada tive de o afastar e dizer que não me apetecia fazer mesmo nada e que não é não lhe pedi que me desse um tempo longe dele”; ($\chi^2=53.42$)

“me sinto desrespeitada parece que não consegue ouvir a minha voz a dizer que não quero ver nos meus olhos que a vontade não está lá e acima de tudo sei que não se foca nos meus lábios para ver a maneira como digo não mas sim porque me queria beijar”; ($\chi^2=52.21$)

“depende muito do parceiro e do avanço que esta a ter e da minha própria vontade posso começar a ganhar vontade e ceder como posso não permitir e me chatear”; ($\chi^2=50.91$)

Na classe 4 os segmentos de texto que se encontram incluídos a forma como os indivíduos se sentem perante a situação, a aceitação do consentimento do parceiro ou o comportamento perante a falta de consentimento.

Os segmentos de texto cotados como os mais representativos desta classe.

“sinto que esta noite não respeitei a vontade do meu parceiro não manifestou vontade de ter relações sexuais comigo e eu continuei a provoca lo nesse sentido”; ($\chi^2=42.33$)

“gostava que ele respeitasse a minha vontade de não querer ter constantemente relações sexuais me sinto usada como se servisse apenas para isto ultimamente tem sido demais

mas acabei por voltar a ceder não quero que ele perca a atração por mim e comece a procurar atenção noutras pessoas por sentir que não tem da namorada”; ($\chi^2=34.69$)

“ele ainda tento me provocar através de contactos íntimos mas eu continuava sem vontade e voltei a recusar ele entendeu o meu lado e disse me que não quer me obrigar a ter relações sexuais sem vontade pois o momento não ia ser a mesma coisa se ambos tivesse mos vontade de realizar relações sexuais”; ($\chi^2=32.72$)

“o meu companheiro encontra se com vontade de ter relações sexuais comigo porém não estava no mood após alguma insistência e de atos carinhosos que o meu companheiro teve comigo a minha vontade se alterou e passei a querer estar com o meu parceiro”; ($\chi^2=32.72$)

“após eu ter abordado o meu parceiro e ter demonstrado que queria ter relações sexuais ele recusou e disse que não estava com vontade apenas falei com ele e perguntei se estava tudo bem disse que sim apenas que não tinha mesmo vontade me senti um bocado insegura mas compreendi”; ($\chi^2=31.47$)

O quarto tema subdivide-se na classe 1 e 2. A classe 1 corresponde a um total de 11 unidades de contexto, que representa cerca de 13.41%, encontrando-se significativamente ligado à situação relacional “não se encontra numa relação” e à questão de autorrelato ligada à perpetração. As formas ativas presentes nesta classe são: simplesmente; respeitar; ao; conseguir; saber; embora; também; não; perceber. As formas suplementares são: isto; algum; se; com.

A classe 2 corresponde a um total de 14 unidades de contexto, encontram-se significativamente relacionados ao grupo relacional de “namoro”. As formas ativas características desta classe são: quando; deixar; querer; insistir; acontecer; também; sempre; meu parceiro; vez; não me apetece; não; desistir; saber. As formas suplementares são: isso; poder; mim; outro; ir; ser; ele.

A classe 1 e 2 divergem de um tema principal, categorizou-se como Visão do Perpetrador. Este tema caracteriza-se por abordar situações em que estão ligadas ao perpetrador e à forma como as pessoas se analisam perante esta situação enquanto perpetradores.

Os segmentos de texto que são cotados como os mais representativos desta classe.

“tentei insistir com alguns beijos no pescoço para ter certeza que não queria ou se não topava mas sem resultado nenhum eu desisti e o deixei em paz não devo me incomodar

com isto me deixando afetar ao nível pessoal apesar da recusa me atingir um pouco tenho que pensar que ele simplesmente não está afim hoje e respeitar”; ($\chi^2=74.89$)

“contudo facilmente uma pessoa consegue perceber quando o parceiro não está interessado e a partir desse momento é respeitar e parar por ali caso contrário é simplesmente uma grande falta de respeito e a pessoa não é digna de ser considerado um parceiro a”; ($\chi^2=66.95$)

“hoje o meu parceiro não teve vontade de ter relações sexuais e eu respeitei o seu espaço tentei conversar com ele para saber se estava preocupado com alguma coisa ou se simplesmente estava cansado e sem vontade de ter relações sexuais não me senti triste pois todos nós temos dias em que não há vontade para nada”; ($\chi^2=63.13$)

“eu me senti pouco à vontade com a situação mas preferi não insistir porque ao contrário sei que iria me sentir desconfortável também se não respeitassem a minha falta de vontade”; ($\chi^2=63.02$)

“ou é simplesmente o cansaço do quotidiano calar esta voz da insegurança por vezes não é fácil embora saiba que um relacionamento não é só sexo mas também sei que é uma parte fundamental entre dois corpos que se desejam”; ($\chi^2=53.24$)

É possível identificar nos segmentos da classe 2 a visão do perpetrador sobre a recusa sexual aos diferentes avanços no seu parceiro.

Os segmentos de texto cotados como os mais representativos na classe 2.

“eu vou sempre dizendo que não umas vezes até é bom me deixar ir mas quando tal acontece também tenho vezes em que não me apetece e tem de ser não sou capaz de lhe dizer isso sei que ia lhe partir o coração porque sinto que isso o deixa mais vulnerável”.($\chi^2=76.34$)

“tentei com que o meu parceiro fizesse sexo comigo mas não consegui talvez não esteja nos melhores dias mas percebo porque nem sempre eu também quero e também detesto quando ele insiste comigo e eu não quero”; ($\chi^2=66.01$)

“mas ainda assim acho que ele podia desistir quando eu me viro para o lado e digo que quero dormir ele insiste sempre um bocadinho vai sempre um bocadinho mais longe e isso me deixa à beira do desespero”; ($\chi^2=64.31$)

“sei que se não quisesse ele iria respeitar sei que por vezes insistir demasiado pode magoar mas também sei que ele sabe que não é não e nunca insistiria além do razoável e é por isso que amo o meu parceiro”; ($\chi^2=50.20$)

“quando não me apetece a mim pelo que quer que seja também não acho justo a insistência é respeito mútuo”; ($\chi^2=44.94$)

Discussão

A coerção sexual foi considerada o segundo tipo de abuso mais prevalente, tanto na vitimização como na perpetração, por Paiva e Figueiredo (2004). Esta, por vezes, é observada pelos indivíduos como um jogo sexual, uma forma de *flirt* entre parceiros íntimos não sendo percebida de forma negativa ou considerada como uma forma de agressão. Relembrando que os principais objetivos deste estudo descritivo, de metodologia mista, foram: a) caracterizar as atitudes e crenças em relação à coerção sexual; b) analisar o tipo de discurso utilizado pelos indivíduos que apresentam uma maior concordância com as crenças e atitudes de coerção sexual em comparação aos indivíduos que apresentaram uma menor concordância com as crenças e atitudes de coerção sexual e verificar a existência de diferenças discursivas.

Através dos resultados foi possível observar-se um padrão em que os homens apresentam valores médios mais elevados relativamente às crenças e atitudes de coerção sexual do que as mulheres, consequentemente os grupos criados apresentaram-se significativamente ligados ao género sexual sendo este o fator mais predominante na criação dos clusters. Resultados semelhantes foram observados no relatório realizado pela Associação Plano i entre 2017 e 2021 em que demonstrou que os homens apresentaram crenças de género mais conservadoras e mais atitudes de violência/coerção sexual consequentemente apresentaram mais crenças legitimadoras de coerção sexual. Mota (2020) veio corroborar estas conclusões através do seu estudo, porém no seu estudo os homens também surgiram como vítimas de coerção sexual.

O corpus textual foi analisado através do programa *IRaMuTeQ 0.7 alpha 2* ficou dividido em 6 classes, compostas por 4 grandes grupos, após a divisão dos mesmos não se obtiveram relações significativas tendo em conta os clusters, não surgindo características diferenciadoras de discurso. Podemos assim concluir que o tipo de discurso utilizado não se diferenciou entre as pessoas que apresentem maiores e menores crenças e atitudes face à coerção sexual. Esta conclusão pode dever-se ao corpus textual ser de pequena dimensão. Surgiu apenas no grupo 3, composto pela classe 3 e 4 se encontram não significativamente ligados ao grupo que apresenta uma menor concordância com as crenças e atitudes de coerção sexual.

Em relação ao conteúdo de alguns autorrelatos a coerção sexual surge como uma forma de negociação entre os parceiros íntimos que não é vista de uma forma negativa. Deve-se ter em consideração que existe um roteiro de interação em que predomina a

premissa de que o ato sexual é iniciado pelos homens e consentido/concedido pelas mulheres, podendo assim existir uma ambiguidade entre a negociação e a coerção, perante este jogo sexual, uma aproximação inicial que leva a uma recusa alterando-se de seguida para o consentimento (Cordeiro et al., 2009), este consentimento por vezes é descrito como uma forma de obrigação ou como uma alteração de intenção. Surge como obrigação sendo justificado esta envolvimento com o parceiro como uma forma de manutenção da relação e do interesse do seu parceiro tal como surge descrito no estudo de Santos (2008).

As técnicas de coerção sexual mais relatadas para o avanço sexual com o parceiro foram formas de insistência verbal, carinhos, toques ou beijos considerados atos de grau mais leve, não foram relatadas ameaças ou situações de agressão grave. Tal como nos estudos realizados por Mota (2020) e Cordeiro, et al. (2009) em que os resultados demonstraram como formas de coerção sexual predominantes a coerção verbal (como a insistência) ou atos físicos mais leves.

O consentimento sexual é definido por Hickman e Muehlenhard (1999 citado em Beres, 2007) como uma forma de comunicação livre verbal ou não verbal perante a vontade de se envolver numa atividade sexual. Encontra-se implícito e adquirido nas relações íntimas, expresso na maioria das vezes através de comportamentos não verbais e encontra-se influenciado por diferentes fatores, entre os quais, a história de atividade sexual, os papéis tradicionais e o *sexual scripts* (Adams-Curtis & Forbes, 2004; Muehlenhard & Felts, 1998). No presente estudo a subescala *No Means Stop* pertencente à escala das *Sexual Beliefs Scale* apresentou a pontuação mais elevada e uma correlação negativa com as restantes subescalas, podendo assim concluir-se que quem apresenta uma pontuação mais elevada nesta subescala apresenta menores crenças e atitudes de coerção sexual e uma maior aceitação pelo não do parceiro sexual, sendo que quanto maiores forem as crenças de coerção sexual menor é a aceitação do não do parceiro como uma paragem da interação sexual mas sim visto como uma forma de gerar um maior interesse sexual. Os papéis tradicionais e o *sexual scripts* também apresentam uma grande influência determinando que as mulheres são as responsáveis por afirmar o seu desejo ou falta do mesmo nas situações sexuais. Um bom exemplo é a recusa simbólica que significa que as mulheres resistem inicialmente à atividade sexual como uma forma simbólica pois na realidade elas desejam envolver-se na mesma. Pode ser também interpretada como uma alteração de intenção ao aperceber-se que o seu parceiro não iria alterar o seu comportamento acabando por ceder (Muehlenhard & Felts, 1998).

A falta de consentimento ocorre logo no início de uma sequência de comportamentos sexuais. Quanto mais a mulher participa e continua o contacto sexual, menos confiança se torna o seu não falado (VanWie & Gross, 1995 citado em Tomaszewska & Krahe, 2016). O mesmo acontece quando um casal já apresenta uma história de atividade sexual consensual, tanto a mulher como o homem são compreendidos como apresentando um direito reduzido de recusar a relação sexual. Shotland e Goodstein (1992 citado em Tomaszewska & Krahe, 2016) relataram que mulheres e homens por vezes tinham relações sexuais indesejadas porque se sentiam obrigados por sua atividade sexual anterior com o parceiro. Esses dados sugerem que um relacionamento estabelecido com uma história sexual anterior traz consigo algum nível de consentimento implícito para acesso sexual posterior e uma obrigação percebida de atender às necessidades sexuais do parceiro. Em complemento aos resultados quantitativos foi possível observar-se diversas situações descritas nos diferentes relatos, entre os quais, uma alteração de intenção, a realização do ato sexual como forma de manutenção da relação, ou perante a falta de consentimento do seu parceiro levou a uma insistência.

Foram descritos diversos sentimentos pelos participantes perante a situação de coerção sexual, tais como, o desrespeito, sentir se invadido, sentir se como um objeto sexual ou usado. Os atos foram justificados como formas de amor, e perante a cedência como forma de compensar o parceiro para não se sentir rejeitado ou procurar noutro lugar. Tal como referido em estudos anteriores como Eaton e Stephens (2019) e Giffin & Dantas-Berger (2005) que os resultados demonstraram que a cedência perante o ato sexual era uma forma de manutenção da relação.

Em suma, os resultados deste estudo vieram reforçar o que é relatado na maioria da literatura, ou seja, existe uma maior prevalência das crenças e atitudes nos participantes do género sexual masculino e os atos de coerção sexual mais descritos pelos participantes foram a insistência verbal e atos físicos leves, não existindo descrições de atos de coerção sexual mais graves como agressões físicas ou ameaças. O consentimento ou a falta do mesmo é na sua grande maioria observado como uma forma simbólica de recusa levando à insistência por parte do parceiro.

Ao longo da realização deste estudo foram encontradas algumas barreiras como a dificuldade de recolha de dados em pessoas do género sexual masculino, o corpus textual recolhido ser de pequena dimensão o que não permitiu uma análise mais profunda.

Sugerem-se em futuras investigações existir uma amostra mais equitativa em que exista uma análise mais profunda ao género sexual masculino, tanto como vítima como perpetrador, em que sejam apresentadas mais questões de resposta direta sobre a coerção sexual e não apenas o autorrelato de uma única situação, permitindo uma análise mais detalhada e a validação da tradução da *Sexual Beliefs Scale* para a Língua Portuguesa.

Referências Bibliográficas

Adams-Curtis, L. E., & Forbes, G. B. (2004). College women's experiences of sexual coercion: A review of cultural, perpetrator, victim, and situational variables. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 91-122. <https://doi.org/10.1177/1524838003262331>

Beres, M. A. (2007). "Spontaneous" sexual consent: An analysis of sexual consent literature. *Feminism and Psychology*, 17(1), 93-108. <https://doi.org/10.1177/0959353507072914>

Bolger, N., Davis, A., & Rafaeli, E. (2003). Diary methods: Capturing life as it is lived. *Annual review of psychology*, 54(1), 579-616. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145030>

Borges, J., Jamal, S., Neves, S., & Peixoto, S. (2021). *Estudo Nacional sobre a Violência no Ensino Superior: Crenças e Práticas 2017/2021*. 1-26. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/02/EstudoNacional_2017_21.pdf

Cordeiro, F., Heilborn, M. L., Cabral, C. D., & Moraes, C. L. (2009). Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 1051-1062. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400012>

Cram, F., Jackson, S. M., & Seymour, F. W. (2000). Violence and Sexual Coercion in High School Students' Dating Relationships. *Journal of Family Violence*, 15(1), 23-36. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=18331414&site=eds-live>

Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual. *Cadernos de Saúde Pública*, 21, 417-425.

Eaton, A. A., & Stephens, D. P. (2019). Using the theory of planned behavior to examine beliefs about verbal sexual coercion among urban black adolescents. *Journal of interpersonal violence*, 34(10), 2056-2086. <https://doi.org/10.1177/0886260516659653>

Fernández-Fuertes, A. A., Carcedo, R. J., Orgaz, B., & Fuertes, A. (2018). Sexual Coercion Perpetration and Victimization: Gender Similarities and Differences in Adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(16), 2467-2485. <https://doi.org/10.1177/0886260518774306>

Glowacz, F., Goblet, M., & Courtain, A. (2018). Sexual coercion in adolescence: From non-consensual sexuality to sexuality under constraint. *Sexologies*, 27(2), e33-e37. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.02.010>

Giffin, K., & Dantas-Berger, S. M. (2005). A violência nas relações de conjugalidade : invisibilidade e banalização da violência sexual ? Violence in conjugal relations : concealing and taking sexual violence for granted. *Cadernos de Saúde Pública* 21(2), 417–425. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200008>

Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2004). Men's Sexual Coercion in Intimate Relationships: Development and Initial Validation of the Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale. *Handbook of Sexuality-Related Measures*, 5(December 2006), 125–127. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>

Jain, V. (2014). 3D model of attitude. *International Journal of Advanced Research in Management and Social Sciences*, 3(3), 1-12. ISSN: 2278-6236

Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2018). Sexual Coercion, Mate Retention, and Relationship Satisfaction in Brazilian and American Romantic Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

Moraes, C. L., Cabral, C. S., & Heilborn, M. L. (2006). Magnitude e caracterização de situações de coerção sexual vivenciadas por jovens de três grandes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1493-1504. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X20060007000013>

Mota, J. R. (2020). *A capa negra do amor: a importância do gênero na percepção da violência sexual nas relações amorosas entre estudantes universitários* [Master's thesis, Universidade de Évora]. Repositório Institucional da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/27701>

Muehlenhard, C. L., & Felts, A. S. (1998). Sexual beliefs scale. In C. M. Davis, T. D. Fisher, W. L. Yarber, & S. L. Davis (Eds.) *Handbook of sexuality-related measures*, (3th ed., pp. 116-118). Routledge. <https://books.google.pt/books?id=gUnbAAAAQBAJ&lpg=PA127&ots=Ku37Ij6qhw&l&r&hl=pt-PT&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>

Organização Mundial da Saúde. (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. ISBN 978-92-75-71635-9.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36(2004) 75-107. ISSN 0871-4657.

Santos, F. C. (2008). *Negociando Significados: Coerção Sexual em Narrativas de Jovens Brasileiros* (Doctoral dissertation, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/4233>

Silva, A. C. (2021). *Eu nem quero , mas tem de ser : correlatos da coerção sexual com dimensões sociocognitivas do comportamento*. [Master's thesis, Universidade do Algarve]. Repositório da Universidade do Algarve <http://hdl.handle.net/10400.1/16737>

Silva, G. C. (2010). O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. *Jornal dos Psicólogos*. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>

Tomaszewska, P., & Krahé, B. (2016). Attitudes towards sexual coercion by Polish high school students: links with risky sexual scripts, pornography use, and religiosity. *Journal of sexual aggression*, 22(3), 291-307. <https://doi.org/10.1080/13552600.2016.1195892>

World Health Organization. (2002). Defining sexual health Sexual health document series. *WHO Publications*, (January), 1–35. https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf

ANEXOS

Anexo I – Consentimento Informado

Consentimento Informado

Este questionário destina-se à recolha de dados para o desenvolvimento de uma investigação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social, das Organizações e do Trabalho da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, sob a orientação da Prof. Doutora Alexandra Gomes.

Todos os dados recolhidos são totalmente confidenciais e tratados de forma global, garantindo o anonimato dos participantes. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que pedimos a maior sinceridade nas mesmas. O preenchimento do mesmo leva cerca de 10 a 15 minutos, poderá desistir a qualquer momento, sem que isso o prejudique. Este questionário destina-se a indivíduos que sejam maiores de idade.

Agradecemos a sua colaboração e disponibilidade.

Declaro que pretendo participar neste estudo de forma voluntária e anónima

Anexo II – Questão de Resposta Direta Vitimização

Questão 1

- * Imagine que se encontra num momento a sós e privado com o seu parceiro/a. Ele/ela dá-lhe os sinais habituais de que quer ter relações sexuais. Você recusa porque não está com vontade. Ele/ela insiste, através de toques, carícias para o/a fazer ceder à relação sexual. Como se fosse o seu diário, por favor descreva a sua visão pessoal de como esta situação poderia ocorrer (contexto), o que sentiria e como reagiria à situação, dizendo se cederia ou não aos desejos do/a seu/sua parceiro/a.

Escreva-o na primeira pessoa (ex. eu fiz, eu senti, eu achei...) e como se tivesse acontecido consigo, numa perspetiva íntima de quem escreve um diário.

Querido Diário...

No mínimo, 10 carater(es)

Anexo III – Questão de Resposta Direta Perpetração

Questão 1

- * Imagine que se encontra num momento a sós e privado com o seu parceiro/a. Dá-lhe os sinais habituais de que quer ter relações sexuais. Ele/a recusa porque não está com vontade. Você insiste, através de toques, carícias para o/a fazer ceder à relação sexual. Como se fosse o seu diário, por favor descreva a sua visão pessoal de como esta situação poderia ocorrer (contexto), o que sentiria e como reagiria à situação.

Escreva-o na primeira pessoa (ex. eu fiz, eu senti, eu achei...) e como se tivesse acontecido consigo, numa perspetiva íntima de quem escreve um diário

Querido diário...

No mínimo, 10 carater(es)

Anexo IV – Escala Sexual Beliefs Scale

Em baixo encontra-se uma lista de declarações sobre atitudes sexuais. Usando a escala de 0 (discordo totalmente) a 3 (concordo plenamente) indique o quanto concorda ou discorda de cada afirmação. Não há respostas certas ou erradas, apenas opiniões.

- 1. Os homens devem dominar as mulheres na cama.

0
 1
 2
 3

- 2. Mesmo que um homem realmente queira ter uma relação sexual, ele não deve fazê-lo se a mulher também não o quiser.

0
 1
 2
 3

- 3. As mulheres que são provocadoras merecem o que recebem.

0
 1
 2
 3

- 4. As mulheres ficam sexualmente excitadas ao serem dominadas.

0
 1
 2
 3

- 5. De facto, um pouco de força excita uma mulher.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 6. É o direito de uma mulher recusar a relação sexual em qualquer momento.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 7. As mulheres costumam dizer "Não", mesmo quando querem dizer "Sim".
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- - 8. Quando uma mulher excita um homem e depois diz "Não", ele tem o direito de forçá-la a ter relações sexuais.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

 - 9. Na verdade, as mulheres querem ser maltratadas.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

 - 10. Os homens é que devem decidir o que acontece durante a relação sexual.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

 - 11. Justifica-se que um homem force uma mulher a ter relações sexuais com ele, se ela o fizer pensar que está disposta a isso.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

• 12. A masculinidade de um homem deve ser comprovada em situações sexuais.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 13. Geralmente, as mulheres querem ser convencidas a fazer sexo.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 14. As mulheres acham excitante quando os homens as forçam um pouco.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 15. Um homem deve respeitar os desejos de uma mulher se ela disser "Não".

- 0
- 1
- 2
- 3

• 16. Deve ser o homem a ditar o que acontece durante o sexo.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 17. As mulheres dizem "Não" para que os homens não percam o respeito por elas.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 18. Sentirem-se dominadas deixa as mulheres excitadas.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 19. Uma mulher que leva um homem a acreditar que quer sexo, quando realmente não o quer, merece o que lhe acontecer.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 20. As mulheres costumam dizer "Não" porque não querem que os homens pensem que são fáceis.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 21. Quando as mulheres dizem "Não", os homens deviam parar.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 22. Durante o sexo, os homens devem estar no controlo.

- 0
- 1

- 2
- 3

• 23. Quando uma mulher brinca com um homem, ela merece o que lhe acontecer.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 24. As mulheres apenas dizem "Não" para não parecerem promíscuas.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 25. Uma mulher tem sempre o direito de dizer "Não", a qualquer momento.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 26. Homens devem ter o poder em situações sexuais.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 27. As mulheres excitam-se realmente com os homens que lhes "mostram quem manda".

- 0
- 1
- 2
- 3

• 28. As mulheres dizem "Não" apenas para parecer que são boas raparigas.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 29. As mulheres que provocam os homens devem receber uma lição.

- 0
- 1
- 2
- 3

- 30. O homem é que deve estar no controlo da situação sexual.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 31. As mulheres que agem como se quisessem sexo, merecem quando o homem leva a sua avante.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 32. Mesmo quando um homem é provocado, ele não tem o direito de forçar uma mulher.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 33. As mulheres que provocam os homens merecem o que recebem.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 34. Se uma mulher diz "Não", um homem não tem o direito de continuar.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 35. Os homens devem executar a sua autoridade sobre as mulheres em situações sexuais.
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 36. Quando as mulheres dizem "Não", geralmente querem dizer "Sim".
 - 0
 - 1
 - 2
 - 3

- 37. As mulheres sentem-se realmente excitadas quando os homens as dominam na cama.
 - 0
 - 1

- 2
- 3

• 38. Se uma mulher não quer sexo, o homem não tem o direito de o fazer.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 39. As mulheres que agem de maneira sedutora realmente querem sexo, mesmo que não o admitam.

- 0
- 1
- 2
- 3

• 40. As mulheres gostam quando os homens são um bocadinho brutos com elas.

- 0
- 1
- 2
- 3

Anexo V – Escala Atitude face à Coerção Sexual

Em seguida, serão apresentadas várias afirmações referentes às relações sexuais entre parceiros íntimos. Não existem respostas corretas ou erradas. Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente):

- 1. Entre parceiros sexuais, deve sempre existir relações sexuais quando um dos elementos o deseja.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

- 2. "Dizer que não" aos avanços sexuais é apenas uma forma de apimentar a situação sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

- 3. Quando um dos elementos se recusa ao contacto sexual, o outro elemento deve insistir.

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5

• 4. Usar um pouco de força na relação sexual, é algo que melhora a satisfação do parceiro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 5. É necessário forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 6. Pressionar o outro a ter relações sexuais, é algo desejável numa relação.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 7. É difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 8. Uma das estratégias válidas para conseguir ter relações sexuais é mentir.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 9. Numa relação sexual, devemos sempre satisfazer as necessidades do outro, para não sermos injustos.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

- 10. Numa relação, o contacto sexual é uma forma de demonstrar carinho.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 11. O parceiro sexual deve sentir culpa quando se recusa a ter relações sexuais.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 12. É obrigação do parceiro ceder aos avanços sexuais do outro.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 13. É esperado receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 14. Mentir é uma estratégia comum, usada nas relações para se ter o que se quer, como relações sexuais.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 15. Usar drogas ou consumir álcool é um bom indicador de que estamos disponíveis para ter relações sexuais.
 - 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5

- 16. O consentimento das relações sexuais é algo difícil de perceber no comportamento do outro.
 - 1

- 2
- 3
- 4
- 5

• 17. Numa relação, sinto-me bem perante a obrigação de ter relações sexuais quando o outro quer.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 18. Quando o meu parceiro me diz que não quer ter relações sexuais, eu sinto que é apenas uma forma de apimentar a situação sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 19. Eu sinto-me bem quando o meu parceiro insiste comigo, quando eu me recuso a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 20. Eu não gosto quando o meu parceiro usa um pouco de força na relação sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 21. Eu sinto que é positivo forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 22. Eu não gostaria de pressionar o outro a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5

• 23. Eu sinto que é difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 24. Eu sinto-me mal quando o meu parceiro não entende quando eu não quero ter contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 25. Eu sinto que é errado mentir para conseguir ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 26. Numa relação sexual, eu sinto que sou injusto se não satisfizer as necessidades do outro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 27. Eu sinto que o contacto sexual é uma forma válida de mostrar carinho pelo outro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 28. Culpabilizar o outro quando se recusa a ter relações sexuais é algo incorreto, numa relação

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

- * 29. Eu sinto-me bem em ceder aos avanços sexuais do meu parceiro.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 30. É positivo receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 31. Mentir para ter relações sexuais é algo útil.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 32. Eu sinto que se consumir drogas ou álcool estou a favorecer os avanços sexuais do meu parceiro.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 33. Eu sinto que esperar ou procurar o consentimento é um entrave à relação sexual.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 34. Para mim, sempre que um de nós o deseja, temos relações sexuais.
- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5
- * 35. Quando eu digo que não aos avanços sexuais, estou a apimentar a situação sexual.
- 1
 - 2
 -

- 3
- 4
- 5

• 36. Eu insisto com o meu parceiro, quando ele se recusa ao contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 37. Eu não forço a relação sexual, para melhorar a satisfação do meu parceiro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 38. Eu forço o meu parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 39. Eu pressiono o outro a ter relações sexuais, porque é algo desejável numa relação.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 40. Eu tenho dificuldade em perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 41. Mentir é uma das estratégias que eu uso para conseguir ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 42. Numa relação sexual, eu satisfaço sempre as necessidades do outro, para não ser injustos.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 43. Uma das formas de eu demonstrar carinho é através do contacto sexual.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 44. Eu não sinto culpa quando me recuso a ter relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 45. Eu obrigo-me a ceder aos avanços sexuais do outro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 46. Eu espero receber algo em troca, quando aceito ter relações sexuais com alguém.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 47. Mentir é uma estratégia que eu utilizo nas minhas relações para ter o que quero, como relações sexuais.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

• 48. Eu consumo drogas ou álcool quando quero estar mais disponível para ter relações sexuais.

- 1

- 2
- 3
- 4
- 5

• 49. Eu tenho dificuldade em perceber o consentimento das relações sexuais, no outro.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Anexo VI – Dados Sociodemográficos

Dados Sociodemográficos

• Idade

• Género:

- Feminino
- Masculino
- Outra

• Escolaridade:

- Sem escolaridade
- 1º Ciclo do Ensino Básico (1º, 2º, 3º, 4º ano)
- 2º Ciclo do Ensino Básico (5º, 6º ano)
- 3º Ciclo do Ensino Básico (7º, 8º, 9º ano)
- Ensino Secundário (10º, 11º, 12º ano)
- Ensino Superior: Licenciatura
- Ensino Superior: Mestrado
- Ensino Superior: Doutoramento

• Orientação Sexual:

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outra

• Situação Relacional:

- Namora
- Relação Exclusiva
- Relação Não Exclusiva
- Não se encontra numa relação

• Estado Civil:

- Casado/a/ União de Facto
- Divorciado/a
- Viúvo/a
- Solteiro/a